

Vilém Flusser.

Enquanto escrevo isto, o rádio e a imprensa me informam a respeito dos esforços empreendidos há semanas para manter o Generalíssimo vivo. A informação é típica dos mass media: superficial e destinada a provocar no receptor sensações e comportamento determinados. É, no entanto, mensagem decodificável. Uma das interpretações é esta: Franco está morrendo. Por motivos vários, (e não necessariamente concordantes), algumas pessoas estão interessadas em adiar a morte de Franco. Tais pessoas têm acesso às técnicas mais avançadas da medicina, e aos aparelhos mais sofisticados. Podem, destarte, substituir os órgãos e as funções "naturais" do corpo de Franco, quando falham, por órgãos e funções "artificiais". Os pulmões, o estômago e os rins foram substituídos por aparelhos correspondentes, o sangue foi várias vezes substituído por líquido doado anónimamente, o coração está sendo impulsionado por sistemas elétricos ciberneticamente controlados, e o sistema circulatória das extremidades está sendo controlado e periodicamente corrigido por sistemas eletrônicos acoplados em feed-back. Enquanto estou escrevendo isto, tal processo de transformação do corpo de Franco em obra de arte está ainda progredindo. Assim o amor vence a morte em sociedade tecnologicamente avançada.

A informação que estou recebendo sugere que Franco tem "momentos lúcidos" no curso de tal processo. Parece que chorou a beijar manto milagroso de algum santo católico, o qual lhe era oferecido como método suplementar para adiar a morte. Prova que os métodos tecnológicos não impedem os tecnocratas a aplicar também métodos mais tradicionais e menos sofisticados. O fato de Franco ter chorado em tal oportunidade mostra, (se fôr verdadeiro), que era efetivamente "lúcido", se por "lucidez" entendermos consistência com o projeto da vida. A vida de Franco, (tal como a conhecemos), estava dedicada inteiramente à defesa da fé: depois da guerra civil, por exemplo, mandou massacrar 250.000 inimigos da fé, e seu último ato público foi mandar executar três jovens que participaram da conspiração esquerdo-judeo-masónica contra a ordem Divina por ele representada. O beijo e as lágrimas são pois a prova que, a despeito do seu corpo estar se transformando em obra de arte, Franco continua sendo Franco. Assim o amor vence a morte para o crente.

Simultaneamente estou sendo informado pelo rádio e a imprensa de um processo legal nos Estados Unidos que se refera a moça mantida "viva" por métodos não dissimilares, embora menos sofisticados, dos que sustentam Franco, embora esteja há meses em coma. No entanto, há diferenças entre os dois casos. A moça não parece ter matado ninguém, o que a torna menos importante que Franco. As despesas de sua transformação em artefato não se justificam pois tão evidentemente ao olhos da república amoroso que as paga.

moça não tem momentos lúcidos comparáveis às lágrimas de Franco, já que se encontra em situação de vegetal, e legumes não choram. A família da moça não está interessada, como a família de Franco, em prolongar seu morrer, e quer conseguir que os aparelhos e apetrechos sejam desligados. E o juiz, representante tanto da justiça quanto da república amorosa, acaba de decidir contra a família assassina. Assim o amor vence a morte em sociedade democrática e livre.

No presente ensaio não tocarei no problema obviamente sugerido pelos dois casos: o da eutanásia. Não tivesse sido tal problema abusado e invertido em seu contrário pelos nazistas, certamente estaria atualmente no centro das discussões. Porei o acento, neste ensaio, sobre problema menos óbvio, embora igualmente importante: o da arte de morrer. Trata-se de antiquíssimo problema. Com efeito: a arte, (técnica), de morrer é problema anterior ao da oposição entre arte e verdade, ou arte e natureza, e está provavelmente na raiz de tais oposições e outras semelhantes. No entanto: o ponto glorioso que alcançamos atualmente no curso do nosso progresso das artes revela aspectos novos e não suspeitados do problema. Creio que tais aspectos novos da arte de morrer passarão a ser progressivamente mais importantes, existencialmente decisivos, no futuro imediato. Se a futurologia não for mero malabarismo com números e curvas, deverá concentrar sua atenção sobre o problema. Já que o futuro é a morte, a futurologia deveria ser o estudo da arte de morrer.

Nas sociedades ditas "primitivas" a ideia da morte natural era, aparentemente, impensável. Morrer era sempre estar sendo matado por agente humano ou sobre-humano, (isto é: antropomorfo). Era sempre obra de "inimigo", seja ele fera, (espírito de um antepassado), doença, (consequência de magia maléfica), ou flexa venenosa. É claro que a morte natural é impensável em cosmologia que não contém a natureza em nosso sentido do termo. Em mundo ordenado por retribuição toda morte é crime a ser vingado, afim de restabelecer-se a ordem. Morrer é ser objeto da arte de outrem, e a arte de morrer é a técnica do assassinato. Pois a cosmologia dita "primitiva" não é apenas a ideologia de sociedades há muito desaparecidas, ou que vivem à beira da história, mas é também nossa própria maneira de vivenciar o mundo, encoberta por leve camada de ideologias mais recentes. Se dizemos de um amigo que "foi chamado pelo Senhor", não estamos apenas articulando fórmula ritual, nem realmente exprimindo a nossa submissão à Sua vontade, mas circumscrevendo a nossa experiência "primitiva" do amigo estar sendo matado por assassino sobre-humano.

Mais tarde, a retribuição se ia separando da causalidade, a arte se ia opondo à natureza, e a morte natural se ia distinguindo da morte "por acidente". A morte era tida "natural" quando necessária segundo a ordem causal da natureza, e tal definição variava com as variações no conceito da ordem da natureza. No passado recente tal ordem era concebida como processo

entrópico, (segundo princípio da termo-dinâmica), e a morte "natural" era pois definida enquanto ponto crítico no processo de des-informação, (des-organização), do organismo humano. Tôdas as demais mortes, as causadas por doença, desastre ou assassinato, eram tidas por desnecessárias, "acidentes". Em tal contexto, a arte de morrer passa a ser a técnica de morrer "bem" a morte necessária, o que os medievais chamavam de "ars morriendi". A nossa tradição a considera a arte suprema. Sócrates e os profetas a ensinavam, os estóicos elaboraram os seus métodos, e a Igreja elevou tais métodos à perfeição suprema. Atualmente pode ser considerada arte perdida.

A razão de tal perda é que nós, tais quais os "primitivos", não admitimos a necessidade, e a morte "natural" não é para nós "conceito operacional" apropriado. Acreditamos que a tendência entrópica é reversível em tese, e que, em tese, toda e qualquer morte é evitável. Na prática, é verdade, tal reversão é ainda impossível: não podemos rejuvenecer corpos. Mas podemos, isto sim, arrestar o processo de des-informação em estágios anteriores à crise chamada "morte". Em outros termos: a vida ainda é prorrogável, mas o morrer é prorrogável indefinidamente. É neste sentido que podemos, desde já, adiar a morte indefinidamente. Em tal contexto a arte de morrer revela o lado inverso da medalha "primitiva". Para os "primitivos", era a técnica da violência de matar, e para nós passa a ser a técnica da violência de não deixar morrer. Embora a medalha seja a mesma, (o outro é o objeto da arte de morrer), está atualmente revelando face nôva. Estamos atualmente capacitados em transformar a humanidade em sociedade de corpos que morrem indefinidamente, e nossas limitações são de ordem econômica, não artística, (técnica). Franco é o homem do futuro.

O verbo "morrer" é, no entanto, vago demais para transmitir o significado aqui pretendido, e deve ser substituído por outro. Num extremo, o verbo "morrer" significa o momento no qual o corpo atinge o ponto crítico chamado "morte", no outro extremo significa o processo todo pelo qual o corpo se aproxima de tal ponto. Num extremo significa pois um único momento, no outro significa todos os momentos da vida. No seu uso coloquial significa algo intermediário entre os extremos: designa o estágio da vida que consiste apenas de sofrimento, já que exclui definitivamente e irreversivelmente todo ato. É tal significado coloquial que nos enche de terror. O poeta tcheco Wolker o exprime: "Smrt není zlá, já bojím se jen umírání", (a morte não é má, eu receio apenas o morrer). É tal significado que as considerações precedentes pretendem. Para evitar ambiguidades, o verbo será doravante substituído por "sobreviver", no sentido de viver passivamente sem possibilidade de ato. A arte de morrer é atualmente a técnica de fazer outros sobreviver em tal significado.

Definido o termo, as considerações precedentes podem ser reformuladas. Sobrevivier, (morrer), é passar a ser objeto da arte de outrem. Franco é

tal objeto. Os pais da moça americana não desejavam que sua filha seja tal objeto. Os "primitivos" matavam, afim de transformar os outros em tais objetos. Para a nossa tradição "ars moriendi" era a técnica de evitar que se jamos tais objetos no processo da morte. Atualmente a arte de sobreviver é a técnica de transformar os outros em objetos de arte permanentes. Isto é progresso considerável sobre os "primitivos". A arte deles era efêmera: o objeto morria num instante. Nossa arte é mais durável, tão durável quanto o é nossa capacidade de pagar as despesas. Podemos manter, dentro das limitações económicas, a humanidade inteira naquele estágio da vida que nos enche de terror: criar sociedade de sobreviventes.

Há uma dificuldade, no entanto. São os lúcidos momentos de Franco. Momentos nos quais Franco volta a ser sujeito. Pois o caso é este: a meta confessada da arte de sobreviver não é a de prorrogar sofrimentos, mas a de provocar momentos como este. "Prolongar a vida". É fácil demonstrar que tal meta professada é pretexto, e que a meta verdadeira é adiar a morte. Mas os momentos existem. E tornam a arte de sobreviver, por assim dizer espontaneamente, em arte perfeita. Os momentos lúcidos não transformam a obra de arte em sujeito capaz de ação, mas em sujeito de si mesmo. Franco sabe, em tais momentos, que está sendo transformado em objeto: sabe que está sofrendo

O que nos caracteriza, entre outras coisas, é que o purgatório não mais nos horroriza. O que nos horroriza, em vez, é o morrer, (sobreviver). Somos radicalmente imanentistas. O purgatório era o processo da sobrevivência indefinida enquanto objetos que sofrem "no outro mundo". Sobreviver, (o morrer), para nós é o purgatório neste mundo. A arte de sobreviver é a técnica de estabelecer o purgatório neste mundo. No passado, o paraíso era o modelo da sociedade dos vivos. Atualmente o purgatório é o modelo da sociedade dos sobreviventes. No lugar do paraíso dos operários e camponeses ergue-se agora o purgatório dos funcionários públicos enquanto utopia da tecnocracia, (já que os tecnocratas são, entre outras coisas, os artistas do morrer

No caso de Franco, esse homem do futuro, há os que podem aceitar a ideia do purgatório tecnológico de bom grado. Os lúcidos momentos do seu auto da fé podem ser considerados pagamentos pelos seus atos. Mas seus diábolos tecnocráticos talvez nem sequer visem purgá-lo, e em todo caso Franco caso especial: Generalíssimo, (criminoso muito geral), enquanto nós outros somos criminosos mais modestamente particulares. O purgatório que a tecnocracia está preparando para nós não parece proporcional com nossos crimes. A ideia que devemos viver por algumas dezenas de anos, e depois sobreviver por algumas centenas, não nos parece justa. Não devemos aceitar tal utopia. O purgatório é a utopia da tecnocracia, porque a arte de sobreviver é o Ersatz da imortalidade em tal sistema. Franco o demonstra. Devemos engajar-nos contra tal sistema.